

CULTURA E LITERATURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Luiz Ernani FRITOLI¹
(UFPR)

RESUMO: Este capítulo pontua alguns elementos importantes para reflexão do professor de língua e literatura estrangeiras. Trata do tema com cuidado, olhando para os trabalhadores da educação, ou melhor, para a educação no âmbito das Letras, e defrontando elementos que compõem a complexidade do tema. Situa a reflexão sobre língua estrangeira e literatura considerando-as manifestações de Culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Literatura; Língua Estrangeira.

CULTURE AND LITERATURE IN FOREIGN LANGUAGES LEARNING

ABSTRACT: This brief article is an introduction to questions as multiculturalism, identity and prejudice, from a specific point of view: a reflection on the importance of didactics in foreign literature and culture, and the role of reading as a meaningful education form in the undergraduating study programs of "Letras Estrangeiras" in Brazil.

KEYWORDS: Culture; Literature; Foreign Language.

Agradecendo o convite para participar deste grande evento acadêmico, eu gostaria de iniciar pontuando alguns elementos que me parecem importantes como temas para uma reflexão fundamental para todo professor de língua e literatura estrangeiras. Nosso tema nesta mesa-redonda é “Cultura e Literatura em Língua Estrangeira”. Um tema ao mesmo tempo fascinante e preocupante para se tratar em curto espaço de tempo. Todos nós, trabalhadores da educação, ou melhor, trabalhadores para a educação no âmbito das Letras, defrontamo-nos quotidianamente com os elementos que compõem a complexidade do que ora aqui se apresenta como tema. De modo especial, aqueles de nós que trabalham com ambas as coisas: língua estrangeira e literatura em língua estrangeira. Ambas, absolutamente, manifestações de cultura – ou talvez fosse melhor dizer: de Culturas.

1 A QUESTÃO DIDÁTICA

Eu gostaria de começar esclarecendo que me pronuncio claramente como professor, ou seja, do ponto de vista didático. Por isso, me propus não a apresentar um exemplo de meu trabalho, mas a discutir efetivamente o tema da mesa-redonda. Há várias perspectivas de

¹ Doutor em Letras. Docente da Universidade Federal do Paraná. E-mail: fritoli@ufpr.br.

abordagem nas várias instâncias em que se pode trabalhar com literatura, dependendo do objetivo que temos em mente. Até mesmo um uso mais instrumental da literatura como complementar à aprendizagem da língua – condenável como concepção do espaço da literatura no âmbito de um curso de Letras – é altamente interessante quando encaixado de maneira mais produtiva e harmônica no programa didático do ensino de língua estrangeira. Até mesmo da leitura de livros facilitados (opção também discutível) pode-se tirar proveito e estímulo para a leitura do texto original. No entanto, o ensino de literatura e a reflexão sobre o ensino (em outras palavras, a **didática** do ensino de literatura), é, via de regra, muito falho nos cursos de Letras. Pressupõe-se que o aluno saberá ensinar literatura, uma vez que acabe se encontrando na posição de professor, mesmo que jamais tenha tido uma disciplina teórica ou prática em que se tenha discutido efetivamente a didática da literatura. Ou então, muito mais simplesmente, pressupõe-se que os alunos de Letras (língua estrangeira) serão professores de Língua Estrangeira, e que, por isso, a literatura seria simplesmente um “elemento a mais” na aprendizagem da língua. Ou seja: o valor do componente “literatura” nos cursos de Letras ou de Língua Estrangeira é, muitas vezes, menosprezado. Literatura para quê? Simplesmente para reforçar a aprendizagem da língua? Esse é um dos aspectos, mas não deve ser nem o principal, nem o único.

Fica claro, desde já, que não vou tratar, portanto, do ensino de língua estrangeira. Mas, associados ao ensino de língua estrangeira no âmbito do Curso de Letras, como se pode tratar do ensino de literatura e do ensino de cultura? Em primeiro lugar, quando se fala em “ensino de cultura”, há quem salte da cadeira, imediatamente, perguntando: “como assim, ensino de cultura? Como se ensina cultura? Qual é a matéria que se ensina em cultura?”. E é claro que esses que questionam como se ensina cultura têm toda a razão e nenhuma razão. Porque cultura é tudo, ou está em tudo; é um substantivo que tem uma semântica quase infinita, depende do adjetivo que lhe associamos: se, por exemplo, dizemos cultura popular, referimo-nos a um conjunto de práticas, de ideias, de preconceitos, de conhecimentos, de rituais etc., compartilhados por uma determinada comunidade, e por ela considerados muito “espontâneos” (mesmo quando ritualizados); mas é algo que define um determinado comportamento social, e que se traduz na arte, na música, na literatura criada por essa comunidade. Tem, por isso, um valor antropológico.

Buscando uma certa orientação nesse mar, antes de mais nada, o conceito Cultura deve ser desmistificado: há, é claro, embora dificilmente definível em poucas palavras, uma “Alta Cultura”, que se refere ao patrimônio intelectual e artístico da humanidade, de valor

amplamente reconhecido. Mas essa “Alta Cultura” não tem fronteiras nem tempos: Michelangelo e Leonardo são tão universais quanto Mozart e Picasso, Dante e Puccini quanto Cervantes e Van Gogh; essa “Alta Cultura”, pela própria universalidade, pode, mas não precisa, ser tema específico de nossas matérias. É lamentável que muitos de nossos alunos sejam absolutamente carentes dessa forma de cultura, principalmente por causa dos enormes desníveis gerados nas diferentes instâncias educativas; mas o problema dos desníveis culturais como consequência dos desníveis educacionais não é um problema didático, e sim político, portanto, muito além de nossas possibilidades operacionais. O que podemos fazer é opormonos a esse estado de coisas, elevando quanto possível o nível de consciência de nossos alunos-futuros professores e assim incentivando a multiplicação de tal prática. Em busca desse processo de conscientização, a nós que ensinamos língua e literatura estrangeiras, o que parece interessar especialmente é a relação de semelhanças e diferenças entre a nossa e a cultura da comunidade de falantes da língua que ensinamos. E aqui uso o conceito Cultura em outro sentido: como algo que permeia o pensamento, a sociedade, as relações familiares, sociais, formais e informais. Diz respeito a um modo de pensar, um modo de abordar a realidade: eu olho o mundo a partir do meu ponto de vista porque eu fui educado em uma certa “cultura” (isto não é uma apologia ao behaviorismo, não se pode tributar tudo à cultura ou ao meio), e me vejo, me percebo, estabeleço relações com o meu entorno e com os meus semelhantes a partir de certos pressupostos comuns à comunidade em que estou inserido. A isso também posso chamar cultura. De fato, é uma palavra de uma semântica extremamente elástica.

2 MULTICULTURALISMO, PRECONCEITO E REJEIÇÃO DA IDENTIDADE

Dizer que só o fato de se ensinar uma língua estrangeira já significa possibilitar ao aluno o acesso a uma cultura diversa é um lugar-comum – mas não deixa de ser verdade. Porque Língua e Cultura são indissociáveis; não se pode ensinar língua como se fosse algo neutro, código sem pátria. Muito menos literatura. Aprender outra língua (de modo muito especial em um curso universitário, mas não só) é um processo que implica aprender outro modo de exprimir ideias, costumes, visões de mundo; diz-se algo de tal modo porque se entende esse algo de tal modo, ou seja, já na expressão linguística manifesta-se a diferença cultural. E ensinar, especialmente a jovens ainda em formação, não só a tolerância à diferença, mas também a curiosidade intelectual é extremamente positivo. Conhecer e

respeitar a diferença que estabelece a identidade do outro reforça o respeito pela própria identidade. Mas, para além do reconhecimento e respeito de tais diferenças, é preciso fazer do espaço didático um espaço maior do que o de tolerância; é preciso torná-lo um espaço de interação e troca, respeitar as diversíssimas perspectivas de visão, de abordagem do mundo, que definem a identidade. As próprias diferenças são um bom ponto de partida para a língua estrangeira. Nada melhor do que partir da realidade própria de cada aluno, enquadrando-a na realidade maior da comunidade em que vive e buscando traçar relações concretas e abstratas com outras realidades.

No Brasil há uma fusão (quase) sempre harmônica das etnias e, portanto, das culturas dos emigrantes europeus, africanos, asiáticos, americanos. Recebemos todos os povos com cordialidade e até mesmo entusiasmo, sem que com isso percamos nossa brasilidade; esse é, aliás, um dos fortes elementos de nossa brasilidade. Permanece, porém, no imaginário coletivo, um resquício de ideias pré-concebidas, lugares-comuns, preconceitos mesmo em relação a algumas etnias. É claro, podem até ter uma justificativa histórica ampla ou regionalmente localizada, devido a fatos testemunhados ou a histórias ouvidas e aceitas como verdade; mas global e que efetivamente não se justifica. Outras vezes, a admiração, o fascínio por uma cultura, por um povo e um modo de vida, devido a um conhecimento parcial ou anacrônico (e aqui me refiro particularmente ao caso do italiano, que é a minha especialidade: infelizmente, a grande maioria dos descendentes – ou não – de italianos tem uma imagem muito idealizada da Itália e dos italianos; uma imagem que em nada, ou quase nada, corresponde à realidade da Itália de hoje), leva os entusiastas a uma espécie de rejeição da própria identidade (brasileira). Nesse contexto, o papel do professor pode ser o de uma espécie de mediador intercultural, muito mais de defensor tanto da cultura que ensina quanto da brasileira. O conhecimento é o melhor caminho para a valorização: conhecer a cultura do outro reforça o valor da própria identidade.

Então: cultura. Mas qual cultura? Ou quais níveis de cultura? Através de que meios? Pergunta supérflua, aparentemente: na era da internet, em que tudo está disponível em tempo real, a facilidade de acesso a todos os temas imagináveis, em todas as línguas, naturais ou inventadas, parece ser a ferramenta ideal. E pode até ser, em grande medida, uma via de acesso ao conhecimento; mas, pela própria desmesurada abrangência e multiplicidade, apontando milhares (quando não milhões) de caminhos simultâneos, dificilmente constitui-se percurso coerente. Apresenta-se muito mais como panorama e labirinto, e como tal creio que deva ser interpretada e explorada (também didaticamente). Mas, para um aprofundamento que

visse a colher os valores profundos, os fundamentos, nada substitui a literatura. Tanto a estrangeira quanto a nacional. Na época da internet, em que os tempos são medidos em micros e nanos, tempos de máquinas, “leitura” significa um passar de olhos sobre a tela; a literatura, ao contrário, pode ser uma via de retorno aos tempos humanos, à reflexão. E nesse sentido, nós, que trabalhamos com língua estrangeira, somos altamente privilegiados. Porque é óbvio que – sem menosprezar a arte da tradução – o acesso direto à obra na língua original é uma oportunidade de acesso autêntico à história da cultura, à história das ideias do país ou países em que tal língua é falada. E isso pode ser feito tanto através do estudo dos clássicos quanto dos excêntricos (fora do centro): a literatura dos países-colônia (enquanto colônia e depois), a literatura de gêneros, de protesto, das minorias, ou seja, os inúmeros níveis e perspectivas a partir dos quais se pode entender e apresentar a cultura, desdobram-se em inúmeras manifestações e representações possíveis. A comumente chamada “Cultura Popular” (no sentido, muito discutível, de “Baixa Cultura”) pode ser apresentada em formas muito diretas e superficiais, naïve (ingênuas), como nas modinhas, nas músicas infantis, no folclore, na literatura de cordel ou, progressivamente mais elaborada intelectualmente, como (só para termos um termo comum, uso um exemplo de literatura brasileira) na literatura de José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, ou extremamente elaborado por um filtro de alta cultura, como em Guimarães Rosa.

3 PAPEL DA LITERATURA

Tendo tornada clara minha opção didática (cultura através da literatura, em língua estrangeira), retorno à minha perspectiva inicial, didática: ensinar literatura é, em grande parte, formar leitores (de textos e de mundo). E a literatura é, entre os muitos meios de que se pode dispor, certamente o mais disponível e manejável para proporcionar um panorama cultural crítico, de tudo aquilo que é explícito e também do que resta implícito na sociedade (retratado ou questionado na obra literária). Pelo caráter polifônico do texto literário, todos os tipos, os arquétipos, os níveis, as classes, ou seja, todas as vozes, concordes e discordes, são retratadas.

Mas é preciso estar atento: na maioria das vezes, a literatura não tem uma aderência direta ao real, e sim uma abordagem alegórica; é preciso saber distinguir retrato de crítica, de transfiguração, de idealização, de paródia etc. Por isso, é preciso estar muito atento ao modo como se utiliza o texto literário como portador de uma dimensão cultural. Porque, via de

regra, um texto literário, ao mesmo tempo em que expõe um ou mais aspectos da realidade, tende a fazê-lo invertendo parodicamente ou deformando artisticamente tais aspectos, com intuítos críticos ou estéticos. Lembremo-nos de que a literatura não é espelho do real pura e simplesmente; tentar propô-la como tal significa cair no risco do culto à tradição, do sociologismo, da pregação, do engajamento utilitarista, do psicologismo, da sedução pelo folclore, do engessamento de formas arcaicas ou inculturais. A obra literária pode ser uma ótima fonte de contato com a cultura de um povo; mas pode também ser um exemplo de contracultura – tanto estética quanto ideologicamente. Isso porque, em todas as épocas e sociedades, uma vez estabelecido um cânone estético-literário, há um filão da literatura que tende a perpetuar tal cânone (ou seja, a própria literatura tende a perpetuar a si mesma), seja confirmando, seja atualizando, aprofundando estruturas e valores que definem o cânone. E aí chega o momento da reviravolta: a possibilidade que a literatura tem de pôr em discussão toda a escala de valores e o código dos significados estabelecidos, propondo novos valores e novos significados (CALVINO, 1980). É um processo contínuo de alternância.

4 UM EXEMPLO

Eu trabalho com língua e literatura italianas. No caso da literatura, muito mais com os clássicos (Dante, Boccaccio, Ariosto), mas também com os contemporâneos, os pós-modernos. E, por incrível que pareça, são os clássicos que acabam suscitando maior interesse. Por quê? Talvez pelo que os clássicos têm a oferecer: como disse Calvino, um clássico nunca acaba de dizer aquilo que tinha a dizer. Na leitura dos clássicos, encontramos as fontes de muitos temas e motivos que se repetem e que se canonizaram pela repetição. Ou talvez, em tempos pós-modernos, os clássicos atraem simplesmente pela impressão que se tem de seus autores como indivíduos plenos de certezas, de respostas, conhecedores da ordem do mundo, enquanto os autores contemporâneos explicitam (cada vez mais, me parece) a crise, a dúvida, a fragmentação dos indivíduos, das ideias, dos valores. Essa condição, caracteristicamente pós-moderna, de multiplicidade e fragmentação, de perda e busca de uma identidade está presente no nosso tempo; é uma espécie de superestrutura do pensamento pós-moderno. Está presente em todas as formas de manifestação cultural: literatura, pintura, cinema, dança, música; mas também na filosofia, nas ciências, na história...

Essa superestrutura do pensamento pós-moderno se reflete na obra de arte tanto quanto na vida prática, nas pequenas ações do cotidiano. A internet é atualmente o ponto

culminante do processo. Não há nada mais pós-moderno do que a internet: multiplicidade e fragmentação. Indivíduos anônimos que buscam um grupo com o qual identificar-se. Tudo em todos os níveis, de modo que sempre haverá abrigo, acolhida, a qualquer tendência. O resultado disso? A total perda de referência: não há bem ou mal, porque para todos haverá um grupo pronto a acolhê-los (e um grupo reforça e legitima a escolha do indivíduo). E aí está o risco de uma perda de referências éticas – que normalmente a literatura tenta salvar ou resgatar. Desde que, é claro, seja apresentada sempre no contexto em foi produzida. Saber de onde surge uma obra é fundamental para se entender seu valor. Saber se certa obra foi escrita em tempos de paz ou de guerra, por alguém pertencente à classe (“classe” não necessariamente entendida no sentido marxista) de um colonizador ou um colonizado, nobre ou plebeu, minoria ou maioria, oprimido ou opressor, faz muita diferença, porque o valor da obra muda. A escala de valores muda. Na verdade, como explica muito bem T. S. Eliot (1972), no ensaio intitulado *Tradition and the Individual Talent*, uma obra-prima afeta não somente o presente, mas muda toda a escala de valores das obras anteriores, ou seja, muda o passado para uma perspectiva presente.

Novamente lembrando Calvino, há certas coisas que somente a literatura pode ensinar, naquela paciente descoberta que se realiza na compreensão das relações que se estabelecem entre cada palavra com as anteriores e com os referentes. Na verdade, no ato da leitura, o leitor amadurece. A literatura pode funcionar como um exercício variado (quase infinito) de olhar para si mesmo de outros ângulos, olhar para o próximo e o mundo que nos rodeia a partir de inúmeros pontos de vista; a literatura é um modo de estabelecer relações e atribuir valor a pequenas ou grandes coisas, a fatos pessoais ou gerais, é um modo de repensar os nossos próprios limites e vícios (assim como os alheios); a literatura apura a sensibilidade, e pode ensinar os vários graus de alegria, de tristeza, de piedade, de ansiedade; a literatura é uma possibilidade de viver mentalmente (mas intensamente) muitas vidas numa mesma vida. É uma possibilidade de ver o mesmo de forma diferente.

Daí a dificuldade de se “ensinar” literatura: dizer “ensinar literatura” parece-me algo tão abstrato e impalpável quanto dizer “ensinar cultura”; porque não se “aprende” literatura mais do que se “aprende” em matemática o ponto, ou a reta, ou o círculo: o que nós podemos fazer é ensinar a “forma” que podem assumir alguns gêneros e os valores (sociais, históricos, psicológicos, antropológicos...) que essa abstração chamada literatura pode assumir. Mas não podemos ensinar cada obra literária aos alunos. Podemos ensinar que a literatura estimula a sensibilidade. Mas mantenho minhas salutares dúvidas sobre a possibilidade de se ensinar

literatura; acho sim que se aprende a ler. Então nosso papel fundamental é o de ensinar a ler, ou, melhor ainda, auxiliar no processo de aprendizagem da leitura. Ensinar a ler é, em grande parte, formar leitores. De livros e de mundo.

5 REFERÊNCIAS

CALVINO, I. Cibernetica e fantasmi. In: ---. *Una pietra sopra*. Milano: Einaudi, 1980.

ELIOT, T. S. *Tradition and the individual talent*. In: ---. *The sacred Wood*. London: Methuen, 1972.